

03/02 - 18h25

Censo vai definir morador de Paranapiacaba

Raymundo de Oliveira
Do Diário do Grande ABC

Em 45 dias, a Subprefeitura de Paranapiacaba pretende ter um raio X dos moradores das 360 casas da parte baixa da vila ferroviária. O levantamento de informações começou na última quarta-feira e será usado para definir o futuro do local, principalmente quem vai ficar nas residências e quem terá de desocupar os imóveis. A Prefeitura e a RFFSA (Rede Ferroviária Federal S/A) oficializaram o compromisso de compra e venda da vila no último dia 28.

Segundo o subprefeito de Paranapiacaba, João Ricardo Guimarães Caetano, 37 anos, as pessoas que não possuem contrato de locação dos imóveis com a RRFSA, as que tem mais de uma casa sob sua responsabilidade, as que usam os imóveis nos fins de semana e férias e as que ocupam casas consideradas prioritárias para implementação de serviços e infraestrutura turística, como hotéis, pousadas e restaurantes, terão que deixar as moradias. "Nestes casos, a desocupação será prioridade", disse.

Guimarães afirmou também que a Prefeitura não pretende vender os imóveis para os atuais moradores ou outras pessoas nem tem interesse que as casas fiquem vazias. Segundo ele, o objetivo da administração é manter nas casas da parte baixa da vila moradores que tenham condições de pagar as contas de aluguel, água e energia elétrica e também possam arcar com despesas de restauração e manutenção dos imóveis.

Em relação aos aluguéis pagos atualmente, que variam de R\$ 66 a R\$ 280, a subprefeitura também pretende rever os valores. Os casos de ex-ferroviários e descendentes de ex-trabalhadores na RFFSA que moram em casas da vila serão tratados com mais flexibilidade, segundo Guimarães, porque são pessoas que fazem parte da história de Paranapiacaba.

A intenção da Prefeitura de Santo André, que vai pagar R\$ 2,2 milhões pela vila, é transformar o local em um ponto turístico com perfil diferente do que é verificado hoje. Em vez dos mochileiros que procuram a vila para acampar e costumam gastar pouco dinheiro, o objetivo é atrair turistas que se hospedem em hotéis e gastem dinheiro também em restaurantes, lanchonetes, cafés e com a compra de

artesanato e outros produtos. "O mochileiro não agrega valor", disse Guimarães.

Até agora, cerca de 20 moradores já foram ouvidos. A programação da Prefeitura é fazer o levantamento com 12 moradores por dia. Entre os moradores, a expectativa está dividida entre a apreensão e o otimismo sobre o futuro da vila e a permanência nas casas.

Segundo a assessoria de imprensa da RRFSA, a rede faz um levantamento sobre o índice de inadimplência dos moradores em relação ao pagamento de aluguel e também sobre a ocupação dos imóveis. A assessoria informou também que os moradores em atraso com o pagamento terão que acertar a dívida com a rede.

Café paulista fez rede erguer Paranapiacaba

Do Diário do Grande ABC

A Vila de Paranapiacaba nasceu em 1867 por causa da construção da São Paulo Railway, estrada de ferro que ligava o Porto de Santos a São Paulo. A São Paulo Railway, atual Santos/Jundiá, servia para escoar o café produzido no interior paulista e exportado para a Europa. No fim do século passado, 80% do café consumido no mundo saía das fazendas paulistas e cariocas. Restos de antigos vagões dos chamados trens executivos, que serviam para transportar fazendeiros e comerciantes de café entre São Paulo e Santos são atualmente a única ligação da Vila com o café.

A parte baixa da Vila foi construída para abrigar os trabalhadores da rede e também os donos do negócio, os engenheiros e executivos ingleses que ergueram a rede ferroviária. As casas em estilo vitoriano, construídas em madeira de lei, transformaram o local no alto da Serra do Mar em uma vila inglesa. Entre as construções mais importantes estão o Castelinho, que servia de residência para os responsáveis pela empresa, o mercado construído em madeira e o Clube Lira Serrano.

Na parte alta da vila, ficaram os comerciantes e funcionários das empreiteiras que construíram a rede de trilhos e de estações e as características de construções em estilo português, como a Igreja Nosso Senhor do Bom Jesus, erguida em 1885 no estilo colonial português. — **RO**

Clima de vila inglesa deve ser recuperado

Do Diário do Grande ABC

O tradicional chá inglês, a volta do transporte diário de trens da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) e investimentos por parte da iniciativa privada e de bancos e organismos internacionais fazem parte dos planos da Prefeitura de Santo André para Paranapiacaba. Em agosto do ano passado, a Prefeitura encomendou à empresa Market Systems um plano de atuação e de atração de recursos para a vila.

Segundo o subprefeito de Paranapiacaba, João Ricardo Guimarães Caetano, a expectativa é que o plano seja divulgado até o fim deste mês. Guimarães disse que os contatos com investidores da iniciativa privada, bancos e organizações nacionais e internacionais já estão em andamento. O objetivo é conseguir patrocínio para a restauração dos imóveis e financiamento para a implementação de infraestrutura turística.

Guimarães disse que, com a conclusão do processo de compra da Vila pela Prefeitura, será viabilizada a liberação dos US\$ 50 mil (R\$ 120,5 mil) do WMF (World Monuments Fund), uma organização não-governamental norte-americana que atua no segmento de preservação de patrimônio histórico. A WMF incluiu a Vila de Paranapiacaba entre os 100 monumentos mais importantes do mundo em 1999, e destinou os US\$ 50 mil para investimento em restauração. — **RO**

Moradores temem despejo

Do Diário do Grande ABC

Os moradores de Paranapiacaba estão divididos entre a apreensão e o otimismo em relação ao futuro por causa da compra da parte baixa da vila pela Prefeitura de Santo André.

O medo de ter de desocupar os imóveis históricos da vila ou pagar um aluguel mais alto do que o cobrado atualmente atormenta uma parte dos moradores das 360 casas. A expectativa de que o turismo seja incrementado e seus negócios melhorem empolga outra parte dos habitantes.

Para a presidente da Sociedade dos Amigos de Bairro de Paranapiacaba, Zilda Maria Bergamini, dona de um restaurante na vila, a expectativa é que a vida

melhore com a administração dos imóveis pela Prefeitura. "Para mim, a tendência é que os negócios melhorem com a incrementação do turismo na vila", afirmou. Zilda mora em Paranapiacaba desde 1970, quando se casou e se mudou.

Já o manobrista aposentado José Calazans dos Santos, 78 anos, que se mudou para Panapiacaba em 1944, disse estar apreensivo. Santos disse que paga R\$ 160 de aluguel por uma casa com dois quartos, sala, cozinha, um banheiro e um porão. Para ele, o maior medo é que peçam para deixar a casa ou que o valor do aluguel suba muito e inviabilize o pagamento.

Para o auxiliar de manutenção Genivaldo Oliveira Siqueira, 47 anos, ex-funcionário da RFFSA, o aumento no valor do aluguel é o maior temor. Filho de maquinista, Siqueira disse que mora na vila desde que nasceu. Ele paga R\$ 66 mensais. "Meu medo é que o aluguel suba muito e eu não possa pagar", disse.

Saída turística – A artesã Regina Miguel, moradora em Paranapiacaba há três anos, acredita que os investimentos em infra-estrutura de turismo previstos pela Prefeitura são a melhor saída para a vila e para os moradores. "Quem quiser ficar vai ter de se adequar ao turismo, que é a única saída para vila", disse a artesã, que trabalha com madeira.

O também artesão Antonio Carlos Dias, que mora em dois quartos de um barracão ocupado irregularmente em Paranapiacaba, também tem esperança de permanecer no lugar. "A minha expectativa é que as coisas melhorem com os investimentos para atrair turistas", disse. — **RO**